

A Flor de Ayana: por uma educação antirracista na Educação Infantil

A Flor de Ayana: towards an anti-racist education in early childhood education



Danielle Daiane Reis*

Flávia Louredo Cardoso dos Reis**

Rodrigo Cosme dos Santos ***

Resumo: Neste relato de experiência apresentamos a análise de uma produção cinematográfica, o curta-metragem *A Flor de Ayana*, que surgiu após um ato de racismo contra uma criança, de apenas três anos de idade. Esta situação, além de despertar um sentimento de revolta e tristeza, nos impulsionou a lutar fortemente por uma educação para a diversidade. Nosso objetivo é refletir sobre a promoção de uma educação antirracista desde a Educação Infantil. Pretendemos, ainda, apresentar um possível caminho a ser trilhado no combate ao racismo, por meio da linguagem audiovisual. Como profissionais da educação é imprescindível a busca por uma educação antirracista que construa desde a base o respeito entre as pessoas. A proposta pedagógica do curta-metragem procurou ampliar a reflexão sobre as relações étnico-raciais e o respeito às diversidades.

Palavras-chave: Educação antirracista. Educação infantil. Linguagem audiovisual.

Abstract: In this piece, we present the analysis of a cinematographic production, the short film *A Flor de Ayana*, which was produced after an act of racism against a three year old child. This situation, in addition to awakening a feeling of revolt and sadness, impelled us to fight strongly for an education for diversity. Our objective is to reflect on the promotion of an anti-racist education since Kindergarten. We also intend to present a possible path to be followed in the fight against racism, through audiovisual language. As education professionals, it is essential for us to search for an anti-racist education that builds respect between people from the base. The short film's pedagogical proposal sought to broaden the reflection on ethnic-racial relations and respect for diversities.

Keywords: Anti-racist education. Child education. Audiovisual language.

* Danielle Daiane Reis é mestranda em Educação, Universidade de Brasília – UnB; especialista em Docência da Educação Infantil, Universidade de Brasília – UnB; graduada em Pedagogia, Universidade de Brasília – UnB. Professora de Atividades na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Contato: danidreis@yahoo.com.br

** Flávia Louredo Cardoso dos Reis é especialista em Psicopedagogia com ênfase em Ensino Especial pela Faculdade Darwin; graduada em Pedagogia pela FAJESU. Arte educadora e artesã especialista em feltro. Professora de Atividades na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Contato: flouredo@gmail.com

*** Rodrigo Cosme dos Santos é pedagogo pela Universidade Católica de Brasília; especialista nas seguintes áreas: Libras, Atendimento Educacional Especializado (AEE); Psicopedagogia Clínica e Institucional. Colaborador em Projeto na Associação Centro de Treinamento de Educação Física Especial (Cetefe) e Anvisa Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Professor, Contato: rodrigocosme.cosme@gmail.com

Introdução

A educação brasileira conta com a Lei^o 10.639, que torna obrigatório o ensino da “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” nas escolas públicas e particulares. Essa lei demanda às instituições de ensino a necessidade de se pensar propostas de construção da igualdade racial na sociedade brasileira, desde a educação infantil. Desse modo, por meio de variadas práticas pedagógicas e curriculares, temos a possibilidade de construir a igualdade étnico-racial entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar.

Consideramos relevante a implementação de propostas que sejam capazes de promover uma educação antirracista, principalmente na primeira infância, onde o racismo está presente. Isso foi evidenciado, recentemente, pela filha de uma das autoras deste trabalho, de apenas três anos de idade, que sofreu um ato de racismo por outra criança. O episódio foi relatado em entrevista ao Correio Braziliense:

Estávamos chegando em casa e passou uma criança, branca, de olhos claros e quando avistou a gente, apontou para minha filha e falou: “Olha que menina feia, parece um urubu”. Essa garotinha devia ter por volta de cinco ou seis anos no máximo. Meu coração despedaçou em mil pedacinhos (SILVA, 2020).

Esta situação, além de despertar um sentimento de revolta e tristeza, nos impulsionou a lutar fortemente por uma educação para a diversidade. O fato de a atitude racista partir de uma outra criança reafirma o quanto é importante – e urgente – uma educação antirracista desde a educação infantil. Decidimos, então, transformar este acontecimento em história com uma linguagem direcionada ao público infantil. “Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais que é um lugar de privilégio- acabam acreditando que esse é o único mundo possível.” (RIBEIRO, 2019, p. 24).

Figura 1 – QR Code para acesso ao filme no Youtube



Fonte: Youtube

A história ganhou a narrativa do curta-metragem *A Flor de Ayana*¹, que produzimos com o intuito de conscientizar e incentivar professores, mães, pais, cuidadores e, claro, as crianças à prática de atitudes contra o racismo.

Neste relato de experiência, apresentamos a produção cinematográfica, de nossa autoria, que surgiu após o ato de racismo mencionado. Nosso objetivo é refletir sobre a promoção de uma educação antirracista desde a educação infantil. Pretendemos, ainda, apresentar um possível caminho a ser trilhado no combate ao racismo, utilizando especialmente a linguagem audiovisual.

A Flor de Ayana como proposta de educação antirracista na Educação Infantil

Por meio da educação, podemos realizar mudança cultural para uma sociedade antirracista. Essa possibilidade precisa ser incentivada a partir da educação da primeira infância, tendo como base a Lei 10.639/2003, a qual inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Segundo Trindade (2010), a diversidade e a multiplicidade existem em cada um/a de nós e nos grupos que constituem a humanidade. Segundo a autora, estes grupos são “fundamentais para a construção de uma nova humanidade, que o trabalho com a Educação Infantil, com os recém-chegados seres humanos de zero a seis anos, demanda, exige” (TRINDADE, 2010, p. 14).

A Flor de Ayana é um curta-metragem que emergiu de um ato de racismo. Concordamos com Reis e Siqueira (2020), para quem a linguagem audiovisual pode oferecer uma diversidade de oportunidades e linguagens, com elementos que podem contribuir para o desenvolvimento da criança. Acreditamos na utilização da linguagem audiovisual como um caminho possível na luta antirracista. O vídeo é resultado de uma produção colaborativa entre os autores deste trabalho.

A narrativa foi elaborada elucidando o episódio de racismo ocorrido e apresentando reflexões sobre a importância de respeitar as diferenças. O curta-metragem destaca a diversidade em sua perspectiva étnico-racial. Consideramos que o vídeo pode ser utilizado como proposta pedagógica na luta por uma educação antirracista na Educação Infantil. Ramos (2020) ressalta que uma “educação para a igualdade racial consiste em uma possibilidade de se produzir um olhar caleidoscópico sobre nossa cultura reconhecendo e valorizando diferentes formas de conhecer, sentir e viver.” (RAMOS, 2020, p. 8).

As ilustrações presentes no vídeo são resultados de um trabalho artístico e artesanal, que foi produzida em feltro. A ideia inicial era tornar o material sensorial, além de visualmente atrativo para as crianças pequenas.

Ainda temos a pretensão de criar os personagens em 3D e interativos para que as crianças tenham um contato mais próximo com a história.

Com a finalidade de tornar o vídeo acessível, inserimos legendas e narração em áudio. Além disso, a fim de contribuir para o desafio da acessibilidade, que envolve também a comunidade surda, o curta conta também com interpretação do português para Língua Brasileira de Sinais - Libras. Para Veloso e Maia (2011), essa

é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza como canal os movimentos gestuais e expressões fáceis que são percebidas pela visão. A LIBRAS é capaz de expressar idéias sutis, complexas, sentimentos, pensamentos, humor. (VELOSO e MAIA, 2011, p. 228).

Mostra On-line de Curtas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

A Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) promoveu no segundo semestre de 2020 a 1ª Mostra On-line de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal, #Curtadecasa. Tivemos a oportunidade de participar da mostra com a nossa produção filmica. O evento foi adaptado para o formato virtual em razão da pandemia do novo coronavírus. Foram pré-selecionados 40 filmes inéditos pela equipe da Gerência de Mídias Pedagógicas – Canal E, dentre eles, *A Flor de Ayana*, e veiculados na página do festival, sendo 20 produções dos estudantes e 20 dos servidores do magistério e da carreira assistência à educação. Os vídeos ficaram disponíveis no site para eleição dos melhores trabalhos.

A Flor de Ayana foi eleito melhor curta-metragem na categoria dos profissionais da educação pelo júri popular. Recebemos 597 votos, de um total de 1.148 destinados ao conjunto de trabalhos desta categoria. Muito além do reconhecimento, acreditamos que a seleção do nosso vídeo como vencedor mostra que não estamos sozinhos. Isso nos encoraja a continuar lutando fortemente no combate ao racismo, pois sabemos que podemos contar com essa rede de apoio.

Durante o período de votação fomos convidados a participar de alguns momentos com alunos e professores de escolas da rede pública de ensino, aqui denominadas de Professora A, Professora B, Professora C. Tivemos acesso a muitas histórias, angústias e incertezas e tudo isso nos motivou a querer continuar, independente do resultado do prêmio.

Nossa primeira participação nas escolas foi em um bate-papo sobre racismo e respeito, envolvendo as crianças e os professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. O encontro foi por meio da sala de leitura virtual em uma escola classe.

Assim que conheci a história da Flor de Ayana fiquei muito

tocada como mãe. Como foi um episódio vivenciado por crianças também lembrei logo dos meus alunos, e quis muito que eles conhecessem. Foi aí que convidamos as autoras para participação de um bate papo com os alunos da nossa escola, sobre racismo e respeito, através da sala de leitura virtual, onde todas as sextas haviam encontros com contações de histórias. (Professora A).

Estivemos presentes, também, em uma reunião coletiva temática com professores dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. O encontro ocorreu no momento da coordenação pedagógica de um centro educacional.

O encontro virtual que tivemos com o projeto Flor de Ayana foi extremamente enriquecedor. Não só abriu os olhos de nós docentes a uma efetiva educação antirracista, dentro e fora da escola, como também foi um momento de crescimento pessoal, com trocas emocionantes e aprendizados mútuos. O projeto por si só traz reflexão social, emocional e humana. (Professora B).

Houve uma divulgação significativa e o curta-metragem foi reproduzido em algumas escolas. Docentes de um centro de atenção integrada à criança, por exemplo, utilizaram o vídeo em sala de aula. A Professora C relatou:

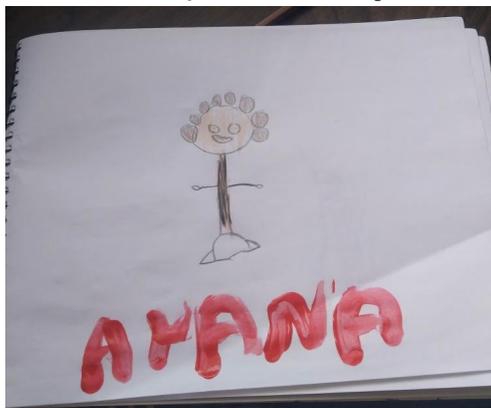
[...] Nós já tínhamos separados alguns livros. E aí quando iniciou o mês de novembro, nós já tínhamos trabalhado algumas histórias. Mas aí surgiu, a alegria das colegas que montaram essa história [A Flor de Ayana], que escreveram essa história e que montaram né, que fizeram a ilustração, fizeram o vídeo... Aí na hora a gente falou: Vamos usar! Porque tem tudo a ver com nosso trabalho. Com tudo que a gente já tinha pensado. E foi maravilhoso porque as crianças se reconhecem, elas se sentem representadas, elas interagem, Nos relatos das mães, falando que as crianças sentiram muito prazer em fazer as atividades por que aí a gente aproveitou o livro das meninas, das colegas, aproveitamos o vídeo, apresentamos tudo, e fizemos assim, tudo, várias atividades com as crianças. E foi muito bacana! E o que assim, eu tiro de lição, é que cada vez mais a gente tem que ter muito cuidado e também muita dedicação pra trabalhar o antirracismo e muita obrigação também, porque eu acho que é uma função social da escola é uma obrigação da escola essa educação antirracista [...] A escola tem que combater o racismo, pra mim é uma questão fundamental. É uma das questões fundamentais. E assim, esse livro, a historinha dessa garota que sentiu desde pequenininha o preconceito, é muito importante porque a gente pode falar claramente para as crianças sobre preconceito, sobre crime, sobre o que não pode mais ser tolerado, sobre o que a humanidade não pode mais praticar [...] a gente tem que falar! E tem que mostrar para as pessoas que tem coisas que a gente não pode mais admitir. Que a gente não pode falar, que todo mundo tem que se policiar. Policiar não! Aprender! Não é policiar a palavra não! É aprender [...] Então assim, é uma luta diária! Mas tem que falar! Não pode mais ninguém ficar calado! Principalmente nós!

Nós temos uma função belíssima! Que é falar, que é ensinar, que é participar as crianças de tudo isso. (Professora C).

O depoimento da professora nos motiva a ainda mais a nos dedicarmos à educação antirracista. Munanga (2005), considera que “apesar da complexidade da luta contra o racismo, que consequentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima” (MUNANGA; 2005, p. 17). O autor também elucida que as situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala podem servir como um momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional (MUNANGA; 2005).

Nesta perspectiva, consideramos relevante a desconstrução do preconceito e discriminação racial no ambiente escolar, desde a Educação Infantil. Isso implica mostrar às crianças que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os

Figuras 2 – Atividades das crianças sobre o curta-metragem *A Flor de Ayana*.



Fonte: acervo pessoal dos autores

Figuras 3 – Atividades das crianças sobre o curta-metragem *A Flor de Ayana*.



Fonte: acervo pessoal dos autores

Figuras 4 – Atividades das crianças sobre o curta-metragem *A Flor de Ayana*.



Fonte: acervo pessoal dos autores

grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral (Figuras 2, 3 e 4).

Recebemos também um convite para participar de uma live em uma rede social. Conversamos sobre a educação antirracista na infância e apresentamos *A Flor de Ayana* como uma proposta de combate ao racismo.

Considerações finais

Apresentamos neste relato a produção fílmica *A Flor de Ayana*, que emergiu de um ato de racismo. O roteiro nasceu de uma situação real e infeliz, mas que gerou a oportunidade de levar o aprendizado adiante. A narrativa destaca a diversidade em sua perspectiva étnico-racial, o que a evidencia como possível aliada na luta antirracista. Buscamos refletir sobre a promoção de uma educação antirracista desde a educação infantil e discorremos sobre um possível caminho a ser trilhado no combate ao racismo, por meio da linguagem audiovisual.

Como profissionais da educação é imprescindível a busca por uma educação antirracista que construa desde a base o respeito entre as pessoas. Que mostre que nós somos sim protagonistas da nossa própria história. Ver o curta como ganhador nos faz acreditar não somente que é possível, mas também que já existe um grande e latente interesse pelo tema – ou melhor, pela causa. Seguimos motivados pelo amor e empatia, assim como nos mostra Emicida em sua canção Principia: “Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida (...) Porque eu descobri o segredo que me faz humano. Já não está mais perdido o elo. O amor é o segredo de tudo! E eu pinto tudo em amarelo”.

Neste sentido, *A Flor de Ayana* contribuiu para iniciar o debate sobre a importância de uma educação antirracista desde a primeira infância, buscando encorajar docentes e estudantes a participarem ativamente desta luta. Consideramos que promover atitudes antirracistas é um caminho possível para debelar as desigualdades.

A escola é, sem sombra de dúvidas, o melhor espaço para fomentar o interesse pelo combate ao racismo. A proposta pedagógica do curta-metragem procurou ampliar a reflexão sobre as relações étnico raciais e o respeito às diversidades. Buscamos contribuir, ainda, com a formação continuada de professores por meio da participação em coletivas junto às escolas e no diálogo proporcionado na live.

Pensando em ampliar esse debate, criamos um perfil

na rede social Instagram. A conta @aflordeayana² é um espaço para reflexão e compartilhar vivências. Como perspectivas futuras, almejamos a publicação de um livro com a história. Contudo, nosso maior desejo é uma “humanidade de amor”, como menciona Trindade (2010, p. 15), “uma humanidade sem racismo, que preza o respeito, a convivência e o diálogo. Em se tratando de uma educação para o amanhã, tecida no hoje, com o legado do ontem”.

Notas

¹ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4-8ZiuKacll>.

² Link: <https://www.instagram.com/flordeayana>.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REIS, D. D.; SIQUEIRA, L. B. Os Multiletramentos e o Filme **Viva a Vida é uma Festa**: uma Discussão da Linguagem Audiovisual do Cinema na Educação Infantil. In:

SILVA, A. M. Festival #curtaemcasa premia produções da rede pública de ensino do DF. **Correio Braziliense**, Brasília, 7 dez de 2020, p. 13.

VERSUTI, A. (Org.). **Tertúlia de ensaios e poéticas sobre Educação, Tecnologias e Comunicação**. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

TRINDADE, A. L. Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, A. P.; TRINDADE, A. L. (Org.) **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Volume 5. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

VELOSO, E; MAIA, V. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editora Mão Sinais, 2011.